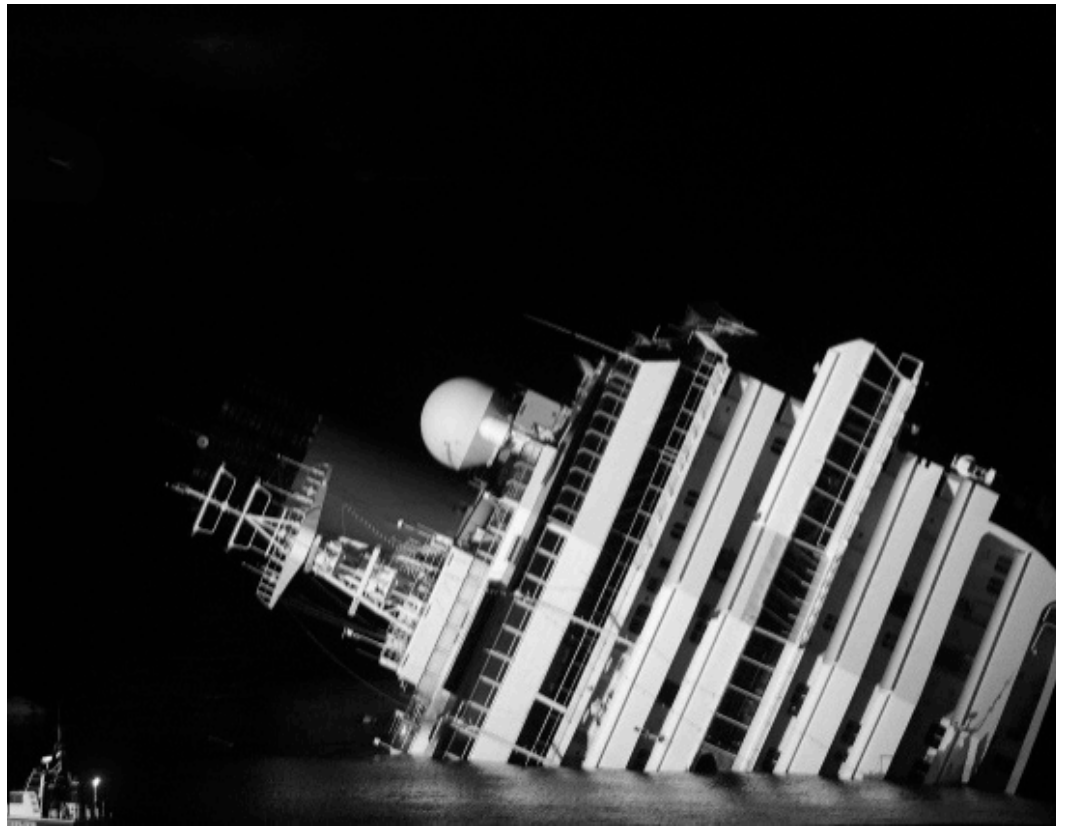


As confederações patronais parecem querer inaugurar um novo discurso: “Não falemos de crise, falemos do futuro”. Mas a realidade vai-se impondo: a Peugeot-Citroën de Mangualde encerrou um turno de laboração e mandou para a rua 350 trabalhadores; a Carris reduz as carreiras e com isso despede 100 motoristas (além de aumentar os passes sociais); a construtora Soares da Costa foi autorizada pelo governo a despedir mais 940 trabalhadores; dezenas de milhares de empregados da indústria hoteleira e de operários da construção civil estão ameaçados de despedimento por falência das empresas. Esta é a realidade que o discurso dos patrões não pode mudar, mas quer disfarçar.

A propaganda patronal e governamental assenta em mitos: que é necessário cumprir à risca as imposições da *troika* para “sermos creíveis”; que depois do “equilíbrio orçamental” virá o crescimento económico; e que o crescimento trará emprego. Ora, o programa da *troika* apenas visa garantir o pagamento das dívidas aos bancos europeus e baixar de forma duradoura os custos da força de trabalho. Depois, não está à vista nenhuma recuperação económica europeia ou mundial, de que o capitalismo português depende em absoluto; e a destruição dos sectores produtivos causada pelos cortes orçamentais ainda agrava mais a questão. Por fim, mesmo que houvesse uma retoma económica ela seria muito débil e sempre conseguida à custa da redução da mão de obra empregada e de salários degradados.

O objectivo daqueles mitos é claro: manter os trabalhadores submissos, dissuadi-los de defenderem os seus interesses, impedi-los de enfrentarem as classes dominantes e de rejeitarem a rapina a que estão sujeitos. Reerguer a luta contra o capital é a única maneira de estancar a ofensiva. É o que cabe às lutas nas empresas e à próxima greve geral, a 22 de Março.



## Capitalismo em falência

A crise do capitalismo mundial é uma crise crónica de superprodução, iniciada há quatro décadas. É isso que o torna incapaz de crescer e o leva a devorar as bases materiais da sua existência. É incrivelmente actual a previsão formulada por Marx e Engels em plena fase juvenil do capitalismo: “Num dado nível de desenvolvimento das forças produtivas, aparecem forças de produção e meios de comunicação, que, nas condições existentes, apenas causam catástrofes – não são já forças produtivas mas de destruição”. *pág. 6-7*

Lutas de empresa: dois casos exemplares *pág. 3*

Cresce o número de casas entregues à banca *pág. 5*

O Médio Oriente debaixo de fogo. Síria: um testemunho de Damasco / Irão: ameaças de guerra / Gaza: crise humanitária / Iraque: 9 anos depois da invasão *pág. 9 a 12*

Desemprego maciço é espelho da crise e da política de ataque aos trabalhadores: Dezembro 14,6%, Janeiro 14,8%...

**Todo o apoio à greve geral  
22 de Março**

# Uma total falta de vergonha

A polémica suscitada pelas recentes nomeações para os órgãos dirigentes da CGD, EDP e Águas de Portugal, que encheu os próprios média do regime, revela bastante daquilo que é a absoluta falta de vergonha dos dirigentes políticos burgueses quanto à “honestidade” das suas promessas e dos objectivos que dizem prosseguir. Os que quiseram acreditar em Passos Coelho e no PSD, assim como aqueles que geralmente amocham perante as ofensivas do patronato, têm aí bem à vista o tipo de sociedade que estes políticos defendem e a espécie de gente que realmente são.

**C**om a venda de 21% do capital da EDP à empresa chinesa Three Gorges, parte importante do estratégico sector energético português passou para as mãos de grandes grupos económicos estrangeiros. De salientar que, em 2010, o montante dos negócios do grupo EDP ultrapassava já os 14 mil milhões de euros e que o valor dos seus activos líquidos atingia os cerca de 40 mil milhões.

Na sequência desta venda, causou forte escândalo, pela evidente troca de favores, a presença entre os 23 elementos do novo Conselho Geral e de Supervisão da EDP de alguns nomes, nomeadamente: Eduardo Catroga (responsável pelo programa eleitoral do PSD e representante de Passos Coelho nas negociações com a *troika*), Paulo Teixeira Pinto (já reformado do BCP, por incapacidade e que então recebeu uma indemnização de milhões), Ilídio de Pinho (ex-patrão de Passos Coelho), Jorge Braga de Macedo (ex-ministro de Cavaco Silva) e Celeste Cardona (CDS, que até o próprio Catroga não vê justificação para ela lá estar).

Mas idêntica falta de vergonha (de quem, em promessas eleitorais, afirmava a pés juntos não



procurar *jobs for the boys*), já anteriormente se verificara na CGD, com as nomeações de Nogueira Leite (PSD) e Nuno Thomaz (CDS), e, posteriormente, se viria a verificar nas Águas de Portugal, com as nomeações de Manuel Frexes (PSD) e Álvaro Castelo Branco (CDS).

Esta polémica, embora e em geral, não extravasando as fronteiras do regime, tem, contudo, interesse pedagógico para as classes trabalhadoras e para o povo, na medida em que mostra bem a “honestidade” das promessas e pretensões dos políticos burgueses.

Por outro lado, as consequências económicas de tais políticas são

pesadas. Por exemplo, no que respeita aos vários milhões a despender com estes senhores do Conselho Geral e de Supervisão da EDP, verifica-se que apenas um deles, Eduardo Catroga, o indigitado presidente, terá um salário de 45 mil euros mensais (correspondente a 90 salários mínimos), que irá acumular com uma reforma, igualmente mensal, de 9.600 euros. Também o futuro presidente do Conselho de Administração Executiva da EDP, António Mexia, pode vir a receber nos seus três anos de mandato, incluindo os prémios, cerca de 4 milhões de euros. Como é bom de ver, tudo isto a ser pago pelos trabalhadores e consumidores!

**Pedro Goulart**

## Em poucas palavras

A única diferença entre a Grécia e Portugal é que os trabalhadores gregos lutam mais que os portugueses contra a brutal e neo-fascista austeridade imposta pelos governos vendidos à chantagem capitalista da *troika*.

**Luís Amado**, ex-ministro dos Negócios estrangeiros do governo Sócrates e defensor do “choque neoliberal” já foi recompensado com a nomeação para chairman do Banif...

**Pedro Passos Coelho** confessa estar a aprender com a *troika*, tal como a *troika* está a aprender com ele. Se o seu governo cair pela destruição do país, já tem emprego garantido, ao contrário do exército de desempregados, pobres e indigentes que irá deixar como rasto.

**Nogueira Leite** falava, falava – foi para a CGD, calou. Catroga, gritava, gritava – veio a EDP, silenciou. Por favor, arranjam um tacho ao beato reaccionário, neoliberal, João César das Neves. Já não suporto a suas evangélicas súplicas!

**Passou despercebida** à maioria dos cidadãos a nomeação, em meados de Janeiro, de Franquelim Alves (militante do PSD, ex-administrador da SLN, que controlava o BPN!) para presidente da comissão directiva do COMPETE, um programa dotado de 5 500 milhões de euros para apoiar empresas. O governo salva o BPN com os milhões que tira aos salários dos trabalhadores e premeia a gestão danosa dos seus super-boys.

**Fernando Barão**

### FICHA TÉCNICA

**Redacção** Cristina Meneses, Manuel Raposo, Pedro Goulart

**Colaboradores** António Louçã, Carlos Completo, Carlos Simões, François Pechereau, Manuel Vaz, Rita Moura, Urbano de Campos

**Site** David Raposo

#### Contactos

Apartado 50093 S. João de Brito 1702-001 Lisboa  
jornalmudardevida@gmail.com  
www.jornalmudardevida.net

### ASSINATURAS

10 números / Donativo mínimo: 15€ Apoio: o mais possível

Como fazer uma assinatura:

**No site** [www.jornalmudardevida.net](http://www.jornalmudardevida.net) (>Assinaturas): indique nome, morada, código postal, indique o número a partir do qual inicia a assinatura e transfira o seu contributo numa caixa Multibanco (seleccionando “Outras Operações” e “Transferências”), para o NIB 0007 0000 00682481622 23. Envie-nos um e-mail a comunicar a transferência.

**Por correio:** envie nome, morada, código postal, indique o número a partir do qual inicia a assinatura e junte um cheque traçado, ao portador.

## Desemprego e autismo

Em poucas semanas, várias anedotas de humor negro sucederam-se em ritmo cadenciado, como se tivessem sido inventadas para nos lembrar o abismo que se cavou entre o modo de vida das classes possidentes e o de massas cada vez mais pauperizadas. Uma, foi a do tribunal brasileiro que condenou um sem-abrigo a uma pena de prisão domiciliária. Outra, foi a da secretária de Estado da Saúde francesa, Nora Berra, que aconselhou os grupos de risco, entre eles os sem-abrigo, a permanecerem em casa enquanto durasse a vaga de frio.

Nora Berra ainda pôde argumentar que tinha sofrido um *lapsus linguae* e o tribunal brasileiro ainda poderá dizer que tem um template para certo tipo de sentenças e que a aplicou a um réu sem atentar na sua condição de sem-abrigo. Curiosa "Justiça" essa, que tem um tapete rolante para julgar os seus réus e nem repara quem são. Mas, tirando este parêntesis sarcástico ou outro, as duas gaffes ainda passariam por mal-entendidos - não viessem elas de quem vêm.

**O**ra, só mesmo em Portugal é possível um alto responsável político emitir insanidades como estas, não se enxergar, não se desdizer, não inventar alguma desculpa, mesmo esfarrapada, e continuar a tomar-se a si próprio por um génio catapultado dos aviários académicos para o mundo real. A esta altura, os leitores não precisaram de fazer uso de toda a sua perspicácia para descobrir que nos referimos ao impagável Álvaro Santos Pereira, que teve uma contribuição importante para colocar Portugal entre os recordistas europeus do desemprego e agora concebeu a ideia peregrina de acolitar cada desempregado com um "gestor de carreira".

Casas que não existem para alguém se abrigar do frio ou carreiras que não existem para alguém as gerir em troca de dinheiros do contribuinte - aí estão dois absurdos da mesma família e ambos traduzindo fielmente a realidade dos ricos cada vez mais ricos, cada vez mais indiferentes ao que se passa fora das suas redomas de vidro, cada vez mais ignorantes sobre a vida real. Só com a particularidade de em Portugal o autismo já lhes ter chegado ao ponto de nem se darem conta das suas derrapagens verbais.

**António Louçã**



## Lutas de empresa: dois casos

As grandes manifestações sindicais, a greve geral de Novembro passado e outras acções massivas de rua, como as dos jovens, expressam a indignação que vai nos trabalhadores e na população atingida pela austeridade. O mesmo se espera da greve geral marcada pela CGTP para 22 de Março. Mas a fraca e esporádica resistência que se pode observar nas empresas, ditada sobretudo pelo medo de represálias, cria um estado de divisão e de falta de confiança que debilita a resposta dos trabalhadores. Este estado geral tem, no entanto, excepções que merecem ser destacadas.

**D**ois casos de lutas recentes mostram que o caminho da resignação e da derrota não é obrigatório: a paralisação do pessoal da manutenção da TAP, em Lisboa; e a luta vitoriosa dos trabalhadores da Cerâmica Valadares, em Gaia.

É de lembrar e de realçar que a paralisação na TAP, em protesto contra os cortes salariais impostos pela administração, se deu sem aviso. Foi o pessoal da manutenção que teve a iniciativa de ir para a frente e que, ganhando o apoio sucessivo de trabalhadores dos demais sectores, conseguiu juntar muitas centenas de trabalhadores e manter encerrados durante horas os portões da empresa. Era visível, pelas imagens transmitidas, a solidariedade e a satisfação dos trabalhadores pelo êxito da acção, mesmo dos que não puderam sair logo que o seu turno acabou.

Surpreendida pelo protesto, a administração teve de falar baixinho e só mais tarde arranjou coragem para aventar a possibilidade de levantar processos disciplinares aos trabalhadores envolvidos. A propósito da "legalidade" ou "não legalidade" da acção, vale a pena recordar o caso, apesar de tudo diferente, dos sequestros de patrões verificados em França em 2009. Os trabalhadores franceses não só conseguiram, em muitos desses casos, que as suas exigências fossem satisfeitas como contaram com o apoio da maioria da população francesa. Foi a firmeza posta na luta e a justeza do que reclamavam que lhes granjearam esse apoio. E foi também esse apoio que tornou impotentes os patrões e o

governo.

A acção dos trabalhadores da TAP, mesmo sem ter tido sequência, revelou um caminho de luta que merece ficar registado.

Também no caso da Cerâmica Valadares foi a união e a forma decidida de luta, sem cedência, que assegurou o êxito dos trabalhadores. Começando por paralisar o trabalho, exigindo o pagamento dos salários atrasados, os trabalhadores passaram depois a medidas que atingiam directamente os interesses dos patrões: impediram a saída de produtos que a empresa continuava a vender, permanecendo em piquetes dia e noite, durante semanas, à porta da fábrica. Mantiveram, além disso, uma saudável desconfiança nas variadas promessas dos patrões e reclamaram deles actos concretos em vez de palavras. E, quando os patrões finalmente tiveram de ceder (cuidando eles próprios de arranjar os meios para pagarem o que deviam), os trabalhadores tiveram ainda força para impor mais duas exigências lógicas: o pagamento dos dias de paralisação (motivada pelo incumprimento dos patrões) e a garantia de que não haveria represálias sobre os grevistas.

Foi um exemplo de luta de empresa que mostra como a força, que parece imbatível, do patronato pode ser transformada em fraqueza quando do lado dos trabalhadores se levanta uma barreira decidida às injustiças.

A par dos grandes protestos de rua, multiplicar casos como estes de resistência nas empresas será um passo indispensável para travar a ofensiva do patronato e do governo.

**Urbano de Campos**

# A quem serve a via da UGT?

É patético o esforço que João Proença tem feito para demonstrar as “vantagens” para os trabalhadores – e para o movimento sindical, como ele não se cansa de sublinhar – do aval que, por sua mão, a UGT deu à política do governo PSD/CDS no acordo firmado, em final de Janeiro, à sombra da famigerada “Concertação Social”. Na verdade, ninguém vê onde está a vantagem de assinar por baixo medidas de despedimento mais fácil e mais barato, menores subsídio de desemprego, mais horas de trabalho não pagas, menos dias de férias, etc. A evidência é outra: no ambiente de catástrofe e de corrupção em que o país vive, o governo e os patrões compraram, a custo zero, o voto da UGT para que o assalto aos bolsos dos trabalhadores pudesse parecer coisa consentida.

**A** recusa, de novo pela voz de João Proença, em apoiar a greve geral marcada pela CGTP para 22 Março mostra que a UGT (conduzida, é bom não esquecer, principalmente por dirigentes do PS e do PSD) ficou satisfeita com as “garantias” (até agora desconhecidas) dadas pelo governo em Janeiro. Não se percebe com efeito, porque é que em Novembro passado a greve geral se justificou para a UGT, e agora, quatro meses depois, quando medidas ainda mais brutais foram decididas pelo governo, o protesto já não se justifica.

O papel da UGT é claro: fazer contra-vapor nos protestos contra a política do governo, facilitar a vida a Passos Coelho e aos patrões e proporcionar ao PS uma oposição sem sobressaltos para que, dentro do calendário eleitoral, os trabalhadores voltem a deparar-se com a escolha de sempre – PS ou PSD. Eis a questão.

Visto isto, a participação da UGT na greve geral de 24 de Novembro foi uma excepção, tornada necessária para que Proença e o PS ganhassem “poder negocial”.

Diversas vozes da banda do PS e do PSD, mal a greve terminou, alertaram o governo para que não deixasse a UGT escorregar para o campo da CGTP. Devia o governo, diziam, fazer um acordo com a UGT. E assim foi, com o acordo na Concertação Social, largamente aplaudido pelo patronato e, inclusive, mostrado como exemplo por Durão Barroso.

Recentemente, o papel de Proença evoluiu do de serviçal do governo para o de serviçal da



troika. Na última vinda da troika a Portugal, na sua função de fiscal das contas e da política do governo, Proença e a UGT tiveram a visita dos comissários, facto que só pode ser entendido como um sinal de apreço do capital europeu pelo papelão desempenhado pelo sindicalismo amarelo. Correspondendo à amabilidade, o solícito Proença, quis mesmo dar mostras de finura diplomática dizendo que “sentiu” da parte dos senhores comissários “compreensão perante a situação que o país atravessa” – adiantando que, por sua vez, lhes transmitiu “uma mensagem de crescimento e confiança”.

O sentido concreto daquela “compreensão” e desta “mensagem” percebe-se perfeitamente tendo em vista o pacote de medidas que, semanas antes, o governo e os patrões tinham levado à Concertação Social, e a disposição que Proença e a UGT mostraram para as aceitar. Os factos não deixam margem para outro entendimento: a via da UGT é a da colaboração com o governo e com o patronato.

Não se percebe, neste quadro, a moderação da direcção da CGTP para com esta política da UGT. Adivinha-se que a justificação será a de não hostilizar os sindicatos e os trabalhadores filiados na central sindical de João Proença e Arménio Santos. Mas, precisamente, a melhor maneira de não os hostilizar será dizer claramente a esses trabalhadores que o caminho da UGT não os serve, porque – como é bom de ver – avaliza as medidas do governo e dos patrões a troco de nada.

Mais: debater isto abertamente não só é útil para que os filiados na UGT entendam que os seus dirigentes os afastam da resolução dos seus problemas e enfraquecem a resistência comum dos trabalhadores; é útil também para que os filiados na CGTP e, em geral, os trabalhadores que apoiam os protestos e sentem a necessidade de fazer crescer a onda de luta reforcem a sua convicção de que esse é o único caminho que pode dar frutos.

**Urbano de Campos**

## A mulher, segundo o cardeal

Manuel Monteiro de Castro é um dos novos cardeais aos quais o Papa entregou, no dia 18, os anéis e os barretes cardinalícios. O ministro Paulo Portas, que se deslocou de propósito a Roma, afirmou ser “uma honra” contar com o novo cardeal luso na Igreja Católica. E, em entrevista ao Correio da Manhã e ao Jornal de Notícias, Monteiro de Castro deixava algumas pérolas, afirmando que “A mulher deve poder ficar em casa, ou, se trabalhar fora, num horário reduzido, de maneira a que possa aplicar-se naquilo em que a sua função é essencial, que é a educação dos filhos”. Não sabemos de que século vem este cardeal, mas, pelas afirmações, parece um bocado desfasado destes tempos.

## Entendidos

Depois de umas pequenas escaramuças verbais acerca da política do governo, o PS e o PSD acertaram agulhas até no que respeita à linguagem. António José Seguro lançou a ideia brilhante de uma “austeridade inteligente” para, diz ele, evitar excessos a que o programa da troika não obriga; e o ministro das Finanças respondeu de imediato com a defesa de uma “austeridade controlada” para, argumenta, evitar uma austeridade descontrolada. O resultado da “inteligência” de Seguro e do “controlo” de Vítor Gaspar estão patentes nos últimos números divulgados sobre o desemprego em Janeiro – 14,8%, bem acima dos 14% de Dezembro – e dos valores da quebra económica, que se abeira dos 4% nas previsões para este ano.

## Hipocrisia

Que hipócrita, cínica e oportunista homenagem aos 25 anos da morte de José Afonso. Se o Zeca estivesse vivo escrevia um poema revolucionário para ser cantado pelo povo para derrubar o governo e expulsar a troika. **FB**

## Cavaco do contra?

A algazarra montada na comunicação social acerca da recente entrevista de Cavaco Silva à TSF, é bem o espelho da inquietação que reina entre as classes dominantes. Cavaco limitou-se a dizer o óbvio: que os pobres não suportam mais ataques em nome da “austeridade” e que a política do governo não atinge igualmente as diferentes camadas sociais. Tudo isto, que se mete pelos olhos dentro, é comentado como um ataque que põe em perigo a “recuperação orçamental” e compromete a “imagem do país”. Altifalantes como João Marcelino (Diário de Notícias) ou José Gomes Ferreira (SIC), acham indispensável que se fale “a uma só voz” e indignam-se mesmo com a branda recomendação do PR de maior equidade. Acalmem-se, senhores, o homem é dos vossos. Só está receoso que, por este andar, a população tome o freio nos dentes e dê uns apertões ao poder e aos seus prestimosos propagandistas. Teve, aliás, duas pequenas amostras do que isso poderia ser: o protesto dos alunos da escola António Arroio, em Lisboa, que fez Cavaco anular a visita; e o coro de apupos que acolheu Passos Coelho em Gouveia.

## Hospitais de campanha

Em Lisboa, com o encerramento das urgências do hospital Curry Cabral (sem estarem criadas alternativas), aumentaram os problemas no Santa Maria. Um maior afluxo às urgências, particularmente aos fins de semana e às segundas-feiras, traduz-se em corredores cheios de doentes em macas. Uma fonte hospitalar disse ao Público que “o Hospital de Santa Maria virou um autêntico hospital de campanha”. Do mesmo modo, 100 mil utentes de nove freguesias do concelho de Loures, que não são abrangidos pelo hospital de Loures, têm agora de deslocar-se para o São José, superlotando-o. Com este governo, piora, a passos largos, a situação dos utentes do Serviço Nacional de Saúde.

# Cresce o número de casas entregues à banca

## Como o sistema financeiro espolia o povo

Sabemos das previsíveis e graves consequências que a futura lei das rendas terá para pobres e idosos, muitas vezes despejando-os das suas habitações e, provavelmente, atirando alguns deles para lares e outros para as ruas. Mas hoje vamos referir, em particular, a situação daqueles milhares de pessoas despejadas das suas casas pelos bancos que anteriormente, com grande facilidade, lhes haviam concedido os créditos.



instituição bancária. Isto é, com a entrega da casa, os bancos (juízes em causa própria) procedem a uma reavaliação do imóvel que, geralmente, é inferior à que foi feita no momento

**R**ecentemente, verifica-se um significativo acréscimo da execução de hipotecas e/ou das dações em pagamento, sobretudo resultante de um forte aumento do desemprego e da redução do rendimento disponível das famílias. Hipotecas que já hoje estão a atingir pesadamente os próprios fiadores.

O número de famílias e de promotores imobiliários que em Portugal, em 2011, se viram obrigados a entregar os seus imóveis aos bancos, por não conseguirem suportar os encargos com os empréstimos bancários, quase atingiu os 7 mil, mais 17% do que em 2010. Nesta entrega à Banca, o distrito do Porto foi o mais penalizado (com 18,5%), seguido de Lisboa (com 17,5%) e de Setúbal (com 12%). No que diz respeito às famílias forçadas a sair das suas casas, os bancos geralmente desvalorizam as habitações, de modo a que os despejados ainda fiquem em dívida com a

da aquisição. E, assim também, os bancos mais facilmente podem vender no mercado as casas agora livres.

Apesar desta prática dos bancos já ter sido contestada nos tribunais e ter resultado, por vezes, em decisões judiciais favoráveis na primeira instância, atestando que com a entrega da casa fica liquidada a dívida, tais decisões são feitas caso a caso e não fazem jurisprudência. E os bancos continuaram a interpor recursos e a arrastar as decisões, prejudicando efectivamente quem está numa situação de incumprimento e, por isso, foi obrigado abandonar a casa. Mas, em geral, os tribunais decidem a favor daqueles que são beneficiários das leis vigentes – as classes dominantes. No caso da habitação, a favor dos bancos.

Por outro lado, é de salientar que este tremendo abuso do sistema financeiro não se confina a Portugal, sendo uma prática comum no mundo capitalista.

Aqui ao lado, no Estado espanhol, desde que surgiu a crise financeira de 2007, mais de 350 mil proprietários, na sua maioria famílias, ficaram sem casa, em consequência de processos de execução hipotecária. E nos “democráticos” EUA, também no mesmo espaço de tempo, foram cinco milhões os despejados das suas casas. Parece evidente que os tão propalados direitos do homem e os chamados estados de direito não consideram um direito que todo o ser humano devia ter – o direito à habitação.

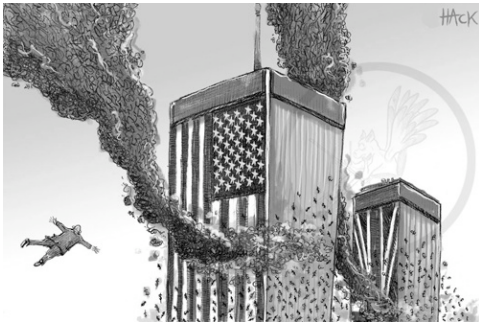
Mas não basta apresentar os factos e denunciar estas gravíssimas situações. Há também que chamar a atenção para as lutas pelo direito à habitação que, de modos diversos, se estão a desenvolver em numerosos países e nos podem servir de exemplo. Citemos apenas dois casos. Segundo o jornal Diagonal, no Estado espanhol têm crescido as lutas contra os despejos, umas vezes dificultando-os, outras vezes procedendo a ocupações destinadas à instalação dos despejados. Lutas particularmente dinamizadas pelas assembleias do 15M e pela Plataforma dos Afectados pelas Hipotecas. Também, ainda segundo o mesmo quinzenário, nos EUA, e na sequência do movimento Occupy Wall Street, surgiu o movimento Occupy Our Homes (Ocupar as nossas casas), que tem actuado em diversas cidades, procedendo à ocupação de numerosas casas. São experiências a estudar e a ter em atenção em Portugal para as lutas a desenvolver pelo direito à habitação. Mas sem ilusões, pois algumas vitórias, limitadas, que se podem conseguir neste campo, não solucionam um problema global que só uma nova sociedade (não capitalista) poderá resolver.

**Carlos Completo**

# Ironias da crise

## Despolarização, fim do crescimento global, rebeliões periféricas, crise ideológica

Pegando em dois factos aparentemente sem relação – as revoltas árabes de 2011 e o desastre nuclear de Fukushima, no Japão – o economista argentino Jorge Beinstein mostra que ambos decorrem da corrida desenfreada do capitalismo às fontes de energia. Num caso, condenou o Japão a atapetar o seu território, de alto risco sísmico, com uma profusão de centrais nucleares sem controlo eficaz; noutro caso, converteu o mundo árabe numa área subdesenvolvida consagrada à extracção intensiva de petróleo. “O mundo burguês anterior aos colapsos económicos de 2007-2008”, diz o autor, “encaminhava-se eufórico e triunfalista para um variado leque de crises (energéticas, financeiras, sociais, ambientais, políticas, etc.) cuja convergência dava sinal da proximidade de um ponto de inflexão decisivo, de passagem rápida para uma época turbulenta”. É desta mudança que Beinstein procura captar o sentido. O texto integral encontra-se em [www.rojoynegro.info](http://www.rojoynegro.info).



### Fim do crescimento global

**P**or baixo da cadeia energética que liga a rebelião árabe à crise nuclear japonesa estende-se uma trama que explica de modo mais amplo ambos os fenómenos – trata-se do processo geral de declínio do capitalismo como sistema universal.

Do ponto de vista das relações entre o sistema económico capitalista e a sua base material, a depredação como comportamento central, dominante, do sistema começou há poucas décadas a substituir a reprodução. Na realidade o núcleo cultural predador existiu desde o grande arranque histórico do capitalismo industrial (nos finais do século XVIII, principalmente em Inglaterra) e, mesmo antes, durante o longo período proto-capitalista ocidental. Marcou para sempre os sistemas tecnológicos e o desenvolvimento científico, a começar pelo seu pilar energético (carvão mineral primeiro e depois petróleo) e uma ampla variedade de explorações mineiras de recursos naturais não renováveis. Essa exacerbação predadora é um dos traços distintivos da civilização burguesa em relação às civilizações anteriores; no entanto, durante as etapas de juventude e maturidade do capitalismo a depredação estava subordinada à reprodução ampliada do sistema.

Mas, a partir dos finais dos anos 1960, começos dos de 1970, produziu-se uma desmesurada expansão do saque, que não conseguiu superar a crise de sobreprodução iniciada nesse momento, tornando-a apenas crónica – mas controlada e amortecida. Uma das bases desta nova etapa foi a exacerbação da pilhagem de recursos naturais não renováveis e a introdução em grande escala de técnicas que possibilitaram a super-exploração de recursos renováveis, violentando, destruindo, os seus ciclos de reprodução (por exemplo na agricultura). Isto ocorria quando vários desses recursos (por exemplo os hidrocarbonetos) se aproximavam do seu nível máximo de extracção.

Foi uma fuga para a frente “irracional” do ponto de vista do longo prazo do capitalismo em geral, mas perfeitamente “racional” se vista a partir dos interesses específicos das empresas de petróleo, da indústria automobilística, do complexo militar-industrial, na verdade do grosso do sistema económico global, em que predominavam ciclos de negócios cada vez mais curtos, cada vez menos capazes de absorver prolongados períodos de maturação dos investimentos. A avalanche da mentalidade do curto prazo (financeirização cultural do capitalismo) esmagou qualquer possibilidade de planeamento de longo prazo de uma possível reconversão energética.

O tecto energético com que a reprodução do capitalismo deparou converge com outros tectos de recursos não-renováveis que, em breve, vão afectar um amplo espectro de actividades de mineração; a isso soma-se a exploração selvagem dos recursos naturais renováveis. Apresenta-se assim um quadro de esgotamento geral de recursos naturais a partir do sistema tecnológico disponível, mais concretamente do sistema social e dos seus paradigmas, isto é, do capitalismo como modo de vida.

Por outro lado, a crise de recursos naturais, inseparável do desastre ambiental, converge com a crise da hegemonia parasitária. Nas primeiras décadas da crise crónica de superprodução potencial, o processo de financeirização impulsionou, especialmente nos países ricos, a expansão do consumo, a realização de grandes projectos industriais, de subvenções públicas à procura interna e de grandes aventuras militares imperialistas, mas no final as euforias dissiparam-se para revelar enormes montanhas de dívidas públicas e privadas. A festa financeira (que teve pelo caminho muitos acidentes) converte-se agora num limite financeiro que bloqueia o crescimento.

Já desde a década de 1970, mas acentuando-se nos anos seguintes, o crescimento económico da zona imperialista do mundo exigiu doses crescentes de droga financeira para continuar a expandir a sua economia, embora a taxas tendencialmente decrescentes; mas, desde a eclosão da crise em 2007-2008, a mega-bolha especulativa mundial (espaço de todas as bolhas financeiras) entrou numa fase de saturação – alguns dos seus componentes ainda crescem e outros são deflacionados, mas o conjunto da massa parasitária irá estagnar e anuncia o seu próximo declínio. O (hiper)desenvolvimento do parasita depende do dinamismo da sua base estrutural (as empresas, os consumidores, o Estado), cuja capacidade de endividamento não é infinita e é altamente sensível à sua crise. A expansão financeira vai encontrando o seu tecto histórico, as emissões de moeda podem dar um pouco de ar a crescimentos puramente nominais e até mesmo a alguns *booms* efémeros, mas o seu destino está selado. Trata-se de um duplo tecto: o que todo o sistema no seu conjunto estabelece para o desenvolvimento financeiro, e o que este último coloca à sua base estrutural (o capitalismo não pode crescer asfixiado pelo seu parasita financeiro, o qual, por seu lado, se

debilita porque a sua “vítima” começa a perder a capacidade de o alimentar).

Em suma: a crise crónica de superprodução iniciada há quatro décadas transforma-se agora numa crise geral de subprodução, na incapacidade do sistema para continuar a crescer bloqueado por vários “tectos” (energético, financeiro, ambiental ...), impulsionado, pela sua própria dinâmica, a devorar as bases estruturais da sua existência, a desordená-las cada vez mais. Autofagia de ritmo difícil de prever que, pela sua natureza planetária e pelo seu alto nível de recursos tecnológicos, não pode ser comparada a declínios de civilizações anteriores.

É incrivelmente actual a previsão formulada por Marx e Engels em plena fase juvenil do capitalismo (Marx-Engels, *A Ideologia Alemã*, 1845-1846): “Num dado nível de desenvolvimento das forças produtivas, aparecem forças de produção e meios de comunicação, que, nas condições existentes, apenas causam catástrofes, não são já forças produtivas mas de destruição”. De facto, a magnitude do desastre, o seu aspecto escatológico, de destruição dos fundamentos da sobrevivência humana, elevam o dito prognóstico a níveis seguramente não imaginados pelos seus então jovens autores.



## Despolarização

O actual processo de decadência deve ser visto como a fase descendente de um longo ciclo histórico iniciado no final do século XVIII que contou com um articulador decisivo: a dominação imperialista anglo-americana (etapa inglesa no século XIX e norte-americana no século XX). Capitalismo mundial, imperialismo e predomínio anglo-americano são um fenómeno único. Uma primeira conclusão é que a organização sistémica do capitalismo aparece historicamente inseparável do articulador imperialista (história imperialista do capitalismo).

Uma segunda conclusão é que, ao ser cada vez mais evidente que no futuro previsível não aparece nenhum amo imperial novo à escala global (a União Europeia e o Japão estão tão decadentes como os Estados Unidos e sugerir a emergência de um “imperialismo chinês” de alcance mundial nos próximos anos é um total

absurdo), então, desaparece do horizonte uma peça fundamental da reprodução capitalista global.

O declínio não exclui a agressão militar do Império, antes pelo contrário. Daí decorre a conclusão de que ao cenário provável de desintegração, mais ou menos caótica, da superpotência devemos adicionar outro cenário, não menos provável, de declínio sanguinário, belicista. Quando observamos a evolução ascendente dos gastos militares nos Estados Unidos e a sua conexão com fenómenos político-culturais como o dos falcões da era Bush, as persistências neo-fascistas no sistema de poder (cada vez mais concentrado) e em amplos sectores da sociedade imperial (e dos seus aliados subimperiais europeus e japoneses) somos induzidos a não descartar essa possibilidade.

## Crisis ideológicas, insurreição global

**A**lgumas linhas de pensamento mostram-se necessárias para compreender a realidade e a sua evolução surpreendente.

A primeira diz respeito à desestruturação psicológica das elites mundiais que enfrentaram uma verdadeira catástrofe ou mega-ruptura em que a decadência ideológica se combina com uma crise de percepção generalizada; perante essas elites a realidade apresenta-se a funcionar com dinâmicas desconhecidas frente às quais os poderosos instrumentos de acção disponíveis são ineficazes ou até contraproducentes.

Os biliões de dólares injectados pelas grandes potências nos circuitos financeiros desde 2008-2009 tiveram resultados muito pobres, o intervencionismo é impotente e o livre jogo do “mercado” leva ao desastre. Por outro lado, a quebra da ordem periférica sinalizada pelo despertar árabe começa a adquirir para essas elites o aspecto de um imenso pântano em expansão, de um pesadelo a que não podem escapar.

Uma segunda linha de pensamento aponta para os limites destas rebeliões periféricas que derrubaram ou deterioraram seriamente regimes elitistas, mas até agora não quebraram, não excederam, as barreiras burguesas; e que parecem conformar-se com reformas democráticas e com modestas melhorias sociais. Nesse sentido, existe alguma semelhança com o ascenso progressista da América Latina na última década.

Um bom entendimento destes movimentos periféricos tem obrigatoriamente que os situar na dinâmica global da crise (actualmente na sua fase inicial) e destacar a enorme importância, decisiva, da mobilização popular democrática que avança de acordo com suas possibilidades

concretas, ao ritmo do declínio do universo cultural hegemónico à escala planetária, o estilo de vida moderno de raiz ocidental (consumista, individualista, etc.).

Finalmente, uma terceira linha de reflexão é sobre o “sujeito” do processo de emancipação que se revela como um conjunto plural, urbano e rural, abarcando classes periféricas baixas e médias, operários, camponeses, estudantes, pequenos comerciantes, etc. Isto exige uma reconceptualização do proletariado entendido como massa em expansão, produto da dinâmica do capitalismo mundial que atravessa a velha crise crónica de superprodução, predatória e hiperconcentradora de rendimentos – e entra na sua crise geral de subprodução, entrópica, carregada de barbárie, de genocídio periférico.



Não se trata da ideia eurocêntrica e historicamente falsa que reduzia o proletariado libertador à classe operária industrial (principalmente radicada nos países imperialistas), mas a constatação da existência, cada vez mais numerosa e mais oprimida, de um proletariado plural cuja única possibilidade de sobrevivência digna (ou de simples sobrevivência física, em muitos casos) está na insurreição contra o sistema. Esta massa plural pode chegar a converter-se em força social revolucionária, em negação absoluta do sistema, através da luta em que vai fazendo a sua auto-aprendizagem democrática, à medida que as estruturas de dominação vão entrando em colapso. Não é um processo simples e linear, mas sim um desenvolvimento muito complexo, fruto da crise do sistema.

Em termos concretos, isto significa que o lugar histórico do pós-capitalismo – quer dizer, do comunismo do século XXI – se encontra no interior dessas rebeliões, como parte delas, como avanço consciente, democrático, radical. Alternativa em formação assumindo criticamente as experiências populares em que se inter-relacionam fenómenos “novos” (que nunca o são completamente) com combates de longa duração e que, desse modo, ampliam os seus espaços: a resistência hondurenha, as revoltas árabes, as mobilizações latino-americanas mais recentes convergem com acções de trajectória prolongada como a insurreição colombiana ou as resistências palestina e afegã.

**Jorge Beinstein / adapt. MV**

# Conselhos lúcidos

Um alerta às classes dominantes pelo presidente do Supremo Tribunal de Justiça

Com a crescente ofensiva anti-trabalhadores dos últimos anos, os discursos e as análises das classes dominantes e dos seus assalariados nos média têm vindo a aumentar, recorrendo frequentemente à chantagem. Os analistas de serviço têm-se esforçado por convencer os seus leitores e as audiências da bondade das medidas adoptadas contra os trabalhadores pelos governos lacaios do capital e pelas diversas instituições do regime.

Contudo, de vez em quando, surgem algumas vozes mais lúcidas do interior das classes dominantes, que advertem para os perigos que as medidas extremas adoptadas pelos governantes burgueses podem trazer aos seus próprios interesses de classe.

**J**á em 2010, numa palestra no Instituto Superior de Gestão, Belmiro de Azevedo, patrão da

Sonae, discordando do aumento de impostos previsto no plano de austeridade do governo de José Sócrates, alertava o Executivo para eventuais consequências sociais gravosas: “está a brincar com o fogo”, porque “o povo quando tem fome tem direito a roubar”.

Recentemente, já em 2012, na abertura do ano judicial, o presidente do Supremo Tribunal de Justiça, criticou o “discurso unilateral e unipolar” contra os “direitos adquiridos”. “Defender que não há direitos adquiridos é dizer que todos eles, mas todos, podem ser atingidos, diminuídos ou, no limite, eliminados; ou seja, é admitir o regresso das ocupações, das autogestões ou do confisco”. O próprio direito à propriedade privada estaria, assim, posto em causa.

Contudo, os alertas de Noronha do Nascimento para as consequências desse “discurso unilateral e unipolar”, acenando com o perigo de um novo PREC e do anarco-populismo” (lembrando ameaçadoramente o movimento popular de 1974/1975), não agradou a todos os serviços do regime. E atacaram-no, em diversos artigos de opinião.

Saliente-se que a verdade é que as classes dominantes, designadamente os governantes, têm consciência dos perigos levantados por Noronha do Nascimento. Mas, não conhecendo outro caminho para responder à crise do sistema que não seja penalizar os

trabalhadores, previnem-se reforçando os diversos aparelhos repressivos: é o que está em curso com as polícias e as forças armadas, assim como com a chamada reforma da Justiça e dos serviços secretos. Belmiro de Azevedo, Noronha do Nascimento e vários outros (afora alguns que pensam o mesmo, mas não se atrevem a dizê-lo abertamente), cada um à sua maneira, e embora por razões diferentes, têm advertido os governantes para as eventuais e perigosas consequências dos seus actos.

Mas ficamos sem saber onde acabam as pressões para a defesa dos seus particulares e imediatos interesses de classe e onde começam os alertas e preocupações com o futuro da dominação da classe a que pertencem. Contudo, de uma coisa temos a certeza: o que preocupa estes senhores não são os mesmos problemas que afligem os explorados e oprimidos deste País. Nestes tempos difíceis, do vale tudo, de uma crise profunda e global do capitalismo, em que os governantes portugueses e os seus analistas de serviço aos média pretendem convencer-nos de que temos vivido “acima das



nossas possibilidades” e a que interiorizemos a ideia de que não há outra saída que não seja aceitar os ditames da *troika* (que há que cumprir “custe o que custar”, no dizer de Passos Coelho), nestes tempos difíceis, dizíamos, não podemos deixar que nos adormeçam com tais cantilenas.

Apesar de não estar à vista nenhuma vaga revolucionária, será aos trabalhadores e ao povo que caberá, pela luta, (se tiverem capacidade e vontade para tal) tornar realidade as previsões/preocupações de Belmiro de Azevedo, Noronha do Nascimento e outros: apossando-se do pão a que têm direito, ocupando as empresas e fazendo a sua autogestão, tomando o poder.

**Pedro Goulart**

## Obrigado, Mr. Krugman

**P**odem os trabalhadores portugueses ficar tranquilos. Para se tornarem competitivos, não terão de baixar os salários até ao nível dos chineses: basta que nos próximos cinco anos lhos reduzam apenas 20 a 30% em relação aos salários dos trabalhadores alemães. Para, assim, poderem competir a nível europeu. Não deve haver outra saída. Os custos de contexto, a organização da produção, os lucros dos capitalistas, parecem aqui coisa menor. Ideia agora reafirmada, pesarosamente, pelo economista Paul Krugman, que procura ser “visto como amigo dos trabalhadores”.

Aliás, estes “ajustamentos” nos salários seriam extensíveis a vários outros países periféricos (onde houve diminuição de produtividade em relação ao centro) da Europa. Esta, uma já velha e brilhante ideia defendida pelo economista americano, prémio Nobel da Economia e agora doutorado *honoris causa* pelas Universidades Clássica, Técnica e Nova, de Lisboa. Percebe-se mal como Krugman, assim como alguns políticos e economistas portugueses de pendor keynesiano (também eles amigos dos trabalhadores!) conjugam estas ideias do economista americano com as suas críticas em relação à austeridade e à forte disciplina orçamental, sem investimento, impostas pela Alemanha e pelas *troikas*. Talvez, uma afirmação de Keynes, de 1931, ajude a esclarecer estas contradições: “É possível que me influencie aquilo que pareça ser a justiça ou o bom senso, mas a guerra de classes encontrar-me-á ao lado da burguesia educada”. Lamentável é que esta visão do mundo de economistas e políticos, que, objectivamente, pretendem ou aceitam que sejam os trabalhadores a pagar a crise do sistema, possa ainda ser considerada por alguns uma visão de esquerda.

**Pedro Goulart**



# Síria Um testemunho de Damasco

A campanha dos EUA e da União Europeia contra a Síria está no auge. Cientes do que sucedeu no caso recente da Líbia com a aprovação de sanções pela ONU, a China e a Rússia decidiram desta vez não ir atrás de norte-americanos e europeus, impedindo assim uma intervenção militar com o aval das Nações Unidas. Mas as potências imperialistas não desistem e fazem tudo para impulsionar a acção armada contra o regime sírio, concretamente fornecendo material de guerra aos rebeldes. A par disso, levam a cabo a indispensável demonização do regime, tal como nos casos antecedentes do Iraque e da Líbia. O testemunho seguinte, uma carta enviada de Damasco e publicada no blogue Spectrum, lança alguma luz sobre o caso.

**A** desorientação domina. Há uma falta de objectividade flagrante de todos os lados, uma guerra mediática suja, especialmente do lado daqueles que possuem os médias, que controlam a informação e os meios de comunicação mundiais (capitais norte-americanos, europeus e do Golfo árabe). A concentração da propriedade das sociedades de informação internacionais explica porque é que a imprensa livre tem desaparecido pouco a pouco e a margem de liberdade de expressão não pára de recuar. Sinto que esta aliança política/económica/mediática conseguiu, com a sua propaganda, meter-nos numa situação de embaraço moral. Estamos no centro de um bombardeamento mediático intensivo que nos empurra a enveredar por uma posição ou por outra, sem a menor verificação dos factos ou informações, debaixo da ameaça de sermos catalogados como participantes activos na matança das crianças sírias.

Creio que o que se passa actualmente assemelha-se ao cenário que foi instaurado antes da ocupação do Iraque em 2003. É a mesma política de diabolização, a propagação de valores morais (democracia, liberdade, protecção dos civis...) e a sua aplicação selectiva. O modelo é exactamente o mesmo que no Iraque. Mas na Líbia e agora na Síria, constato que houve um ajustamento local inteligente, mais "arabizado". Quanto a mim, continuo em

Damasco, continuo a fazer ida e volta todos os fins-de-semana ao Líbano. A vida em Damasco já não é a mesma que tu conheceste. Vemos que as pessoas não se sentem em segurança como antes. Os cafés e mesmo as ruas estão vazias a partir das 22 horas. Temos algum receio de sair de noite, mesmo no centro da cidade que era bastante calmo antes dos atentados. O ambiente em Damasco foi envenenado depois dos atentados suicidas, mas, ainda assim, é relativamente melhor que noutras regiões.

O bairro onde vivo, depois de tu teres cá estado, continua calmo. A maioria dos habitantes são drusos e cristãos. No entanto, há alguns subúrbios mais agitados, mesmo em Damasco. É aí que vivem as camadas da população mais desfavorecidas, onde há uma islamização maior e onde os cheiques e a corrente islâmica são mais influentes e seguidos. Aí é onde a situação é mais tensa, constato este panorama, nomeadamente um sectarismo agudo em que domina um sentimento "anti-alauítas".

As mesquitas e os média – sobretudo Al-Jazira, Al-Arabiya e canais salafistas que propagam os *fatawas* (decretos religiosos), o *takfir* (a infidelidade) de alauítas e xiítas – não mostram as incitações ao ódio e à violência, nem as denunciam. Ao contrário, alimentam e amplificam este sentimento. O regime e os alauítas são diabolizados, transformou-se o desconforto dos pobres e as suas aspirações por uma vida melhor em rancor e



ódio contra os alauítas. Sobre a situação em Homs : há uma grave escalada de sectarismo (sunitas-alauítas), parecendo cada vez mais uma guerra civil. A cidade é constituída por uma mistura de confissões (sunitas, alauítas, cristãos...). A maioria são sunitas, os alauítas representam apenas um quarto da população. Mais uma vez, a situação parece-se com a do Iraque após a ocupação pelos americanos em 2003 (conflito entre xiítas e sunitas).

Muitos acontecimentos ocorreram nos últimos meses para chegar a esta grave situação de carnificina quotidiana em Homs. Estamos longe da autodefesa contra a repressão de Estado. Neste exacto momento, estamos numa situação de guerra, Homs é hoje aquilo que foi Faluja no Iraque ou [Grozni] na Chechénia para os *jihadistas* (combatentes islâmicos). Ninguém pode negar a crueldade dos serviços sírios de segurança. Centenas de civis parecem ter sido mortos pelas forças armadas. Mas temos também que reconhecer que a violência é oriunda dos vários lados da barricada e é por isso que também há um número elevado de soldados mortos (perto de 2 mil). A teoria propalada de que são soldados mortos pelo próprio regime, por se terem recusado a abrir fogo contra os civis, é uma pura mentira. É uma propaganda

mediática.

Em Homs, a violência resulta tanto do exército e serviços de segurança, como dos combatentes islâmicos, e dos militantes sunitas e alauítas. Os médias mostram apenas um lado da realidade, é sobretudo a imagem que querem veicular de um regime armado que mata civis e manifestantes pacíficos.

Por exemplo, estima-se que perto de 1000 alauítas foram massacrados/executados em Homs pelas milícias jihadistas ou anti-regime. Os médias contam e fotografam essas vítimas como civis mortos pelo exército sírio. A maior parte dos 200 cadáveres estropeados e mostrados pendurados nas ruas antes da última reunião da ONU eram alauítas. Estes cadáver foram "armazenados" e centralizados para essa "filmagem". Os dias que precederam a reunião foram os dias mais pacíficos em Homs, toda a gente conhece a falsificação. É a mesma política de propaganda mediática e cobertura selectiva de acontecimentos (focalização sobre alguns factos, dissimulação ou mesmo fabricação de outros) alternados com as declarações políticas internacionais que lembram o célebre discurso de Colin Powell na ONU sobre as armas de destruição massiva no Iraque e que veio a revelar-se uma pura fabricação enganosa.

**Bawsat / adapt. MV**

# EUA/UE Planos de guerra contra o Irão

Enormes forças militares convergem para o Golfo Pérsico. As ameaças dos EUA e dos seus aliados ocidentais ao Irão intensificam-se. Crescem os riscos de uma conflagração com armas nucleares. O alerta vem da organização Global Research que, num texto publicado em Janeiro por F. Cunningham e M. Chossudovsky, que a seguir resumimos, mostra o que está em jogo e apela à opinião pública mundial para se opor a esta escalada imperialista.

O conflito entre as potências ocidentais, lideradas pelos EUA, e o Irão tem amplas ramificações. Faz parte do propósito de Washington para dominar as convulsões políticas e sociais em todo o mundo árabe, a fim de redesenhar a região segundo os seus interesses estratégicos. Não por acaso, logo após o ataque da NATO e da mudança de regime na Líbia, o foco foi rapidamente transferido para a Síria, um aliado chave do Irão. O caminho para Teerão passa por Damasco. A mudança do regime na Síria serviria para isolar o Irão.

O Irão é um colosso rico em energia, com petróleo e gás natural (cerca de 10% das reservas mundiais) que o colocam entre as três maiores economias do petróleo, a par da Arábia Saudita e do Iraque, dois estados clientes de Washington. Em contraste, os EUA têm menos de 2% das reservas mundiais de petróleo. A conquista das riquezas petrolíferas do Irão é a força motriz por trás da agenda militar norte-americana.

Além disso, o Irão não é fantoche do Ocidente como era anteriormente sob o despótico Xá Mohammad Reza Pahlavi. Teerão tem mostrado ser um crítico cortante da intromissão imperialista ocidental na região e impiedoso com a criminoso perseguição dos palestinos por Israel. Outra importante fonte da animosidade ocidental contra o Irão e do desejo de provocarem uma mudança de regime é a perda que a revolução iraniana implicou para as lucrativas indústrias de armas norte-americana, britânica e francesa. Quando o Xá foi deposto, em

Fevereiro de 1979, também acabou um enorme mercado para os negociantes de armas ocidentais. As recentes vendas de armas à Arábia Saudita no valor de 50 mil milhões de dólares – o “maior de sempre na história” – que fizeram salvar o Pentágono, seriam facilmente repetidas no Irão, se um regime cliente similar ali pudesse ser instalado.

Colocar de novo o Irão na órbita de controle capitalista ocidental teria o significado adicional de privar de energia e outras vantagens geopolíticas as potências rivais, nomeadamente a Rússia e a China. No início deste mês, Washington apontou a China como seu destacado concorrente global nas próximas décadas. A agenda militar dos EUA em relação à China também foi arvorada pelo presidente Barack Obama durante sua viagem pela Ásia-Pacífico no final de 2011.

A China é muito dependente do petróleo iraniano. Cerca de 20% das exportações iranianas de petróleo destinam-se à China. Esta tem milhares de milhões de dólares em investimentos energéticos no Irão, em particular no sector do gás natural, que os analistas de energia vêem como o principal combustível das próximas décadas. A política de Washington de hostilidade em relação ao Irão, visa promover a sua hegemonia sobre esta região vital; e visa igualmente controlar os seus concorrentes, Rússia e China. Este factor tem especial importância na medida do declínio do poder económico dos EUA.

Estes são os traços marcantes que explicam o caminho para a



guerra no Golfo Pérsico, e que os meios de comunicação ignoram cuidadosamente. As pessoas são levadas a acreditar que a guerra é parte de um “mandato humanitário” e que tanto o Irão, como os aliados do Irão, nomeadamente a China e a Rússia, constituem uma ameaça implacável para a segurança global e para a “democracia ocidental”.

A escalada militar no Golfo Pérsico obedece a um propósito alarmante e ameaça redundar num conflito generalizado. Está em curso uma criminoso guerra secreta de Washington contra o Irão, incluindo o assassinato de cientistas iranianos e a invasão

do país com aviões de espionagem.

A “globalização da guerra” que envolve a implantação de uma formidável força militar hegemónica dos EUA-NATO em todas as principais regiões do mundo é insignificante aos olhos dos meios de comunicação ocidentais.

Face a esta desinformação, importa alertar a opinião pública para as injustiças e para os crimes que estão a ser cometidos pelos governos ocidentais.

O conhecimento destes factos é essencial para que os cidadãos levantem um eficaz movimento contra a guerra.

**FC, MC / adapt. MV**

## O pretexto do nuclear

Uma peça central da manobra das potências ocidentais no Golfo Pérsico é a apresentação do Irão como uma ameaça à paz mundial, em particular pelo seu alegado desenvolvimento de armas nucleares. O Irão não tem, nem tem a intenção de construir, armas nucleares. A sua “ambição nuclear” (uma frase tantas vezes dita com conotações sinistras) é a de desenvolver energia civil e capacidades médicas, bem dentro das disposições e direitos estabelecidos no Tratado de Não-Proliferação. Inúmeras inspeções feitas durante vários anos pela Agência Internacional de Energia Atómica, não encontraram nenhuma prova das acusações ocidentais. No entanto, essas acusações ocas continuam a ser recicladas pelos principais meios de comunicação. A suposta ameaça nuclear temida pelas potências ocidentais é um pretexto para a sua agressividade criminoso contra o Irão e os seus 80 milhões de pessoas. **FC, MC / adapt. MV**

## Coimbra sem mais encanto

No contexto da campanha internacional para isolar Israel, como a que ajudou a derrotar o regime de *apartheid* na África do Sul, o Comité de Solidariedade com a Palestina patrocina um abaixo assinado em que apela à Universidade de Coimbra para que cancele a sua colaboração no projecto de “investigação” SAFIRE com a israelita International Security and Counter-Terrorism Academy. Trata-se de uma instituição que, a coberto da luta “anti-terrorista”, tem participado em alguns dos actos mais sanguinários de Israel. Conta com a colaboração de institutos como a Rand Corporation, que ajudou a promover a corrida às armas nucleares na década de 50 e forneceu estudos estratégicos para o exército norte-americano durante a guerra do Vietname. A Universidade de Coimbra, sublinham os promotores, deve seguir o exemplo corajoso de todas as universidades do mundo que se recusam a colaborar com um regime manchado por crimes contra a humanidade e deve honrar o seu próprio passado na luta contra a ditadura, cancelando a colaboração no projecto SAFIRE.

## Solidariedade(s) com o povo grego

Os trabalhadores gregos têm dado lições de combatividade na luta contra as prepotentes imposições das burguesias europeias. A sua resistência merece a nossa admiração e solidariedade. Mas não nos parece que as lágrimas de crocodilo derramadas por alguns subscritores de um manifesto dito solidário com o povo da Grécia, onde pontificam Mário Soares, Almeida Santos e Ana Gomes, possam confundir-se com a solidariedade dos trabalhadores e do povo português. Pelas responsabilidades/cumplicidades desta gente na exploração e opressão dos trabalhadores e dos povos europeus, designadamente dos portugueses.

# Crise humanitária em Gaza

Um milhão e 700 mil pessoas sem água, nem electricidade, nem combustível

Nos últimos anos, Gaza tem enfrentado escassez contínua de electricidade. A situação piorou quando a única central de energia ali existente deixou de funcionar no início de Fevereiro por falta de peças de reparação e por falta de combustível, que Israel não deixa entrar no território palestiniano. Serviços públicos vitais, principalmente hospitais, estão em risco de encerrar, como alertou o chefe da sub-delegação do Comité Internacional da Cruz Vermelha em Gaza. “Sem esses fornecimentos de emergência”, disse, “o tratamento de milhares de pacientes pode ter de ser interrompido e as suas vidas colocadas em perigo”. O artigo de Ziad Medoukh, publicado em 21 de Fevereiro em [www.aloufok.net](http://www.aloufok.net), conta a situação.

**D**esde há mais de uma semana [completada em 21 de Fevereiro], a Faixa de Gaza vive uma verdadeira crise humanitária. O encerramento da única central eléctrica causou longos cortes de corrente, até 18 horas por dia, o que significa que as casas ou os bairros têm direito a seis horas de electricidade por dia. Conseguem imaginar? Mais de um milhão 700 mil pessoas privadas de energia por dias e dias!

Além desses cortes, em pleno inverno Gaza tem escassez de água. Todos os poços municipais que abastecem os habitantes funcionam com energia eléctrica. Conseguem imaginar? Casas sem água por dias e dias! Esta situação está ligada à falta de combustíveis que entram normalmente na Faixa de Gaza por Israel e pelo Egipto. Essa escassez tem consequências dramáticas na vida diária dos habitantes de Gaza e paralisa os sectores económicos da região sujeita a bloqueio. Imaginam um mundo sem electricidade, sem água e sem combustível? Estamos no segundo milénio, que diabo! Israel recusa a entrada de equipamentos e peças de reposição para a central eléctrica danificada por múltiplos bombardeamentos, nomeadamente na sua última ofensiva contra Gaza em 2009. O Egipto recusa continuar a fornecer combustível através dos túneis na Faixa de Gaza. Nós



depositámos toda nossa esperança na sua revolução, mas um ano depois da queda do antigo regime deste país vizinho nada mudou para os habitantes de Gaza. Devido à falta de combustível, os meios de transporte não podem funcionar, os alunos são obrigados a ir a pé para a escola ou a universidade, a vida está paralisada. Muitas fábricas fecharam as portas, milhares de trabalhadores estão desempregados, o que agrava a já difícil situação dos habitantes desta prisão a céu aberto. Os hospitais e os centros

médicos são os mais afectados, muitas cirurgias são canceladas, muitos dispositivos médicos estão avariados, as vidas de centenas de pacientes está ameaçada. O estado de emergência foi declarado na Faixa de Gaza e até mesmo os poucos geradores que continuam a operar vão ter de parar por falta de combustível. Diante dessa crise, os habitantes de Gaza interrogam-se: Onde estão as organizações de direitos humanos? Onde está o mundo livre?  
**Ziad Medoukh / adapt. MV**

Nove anos depois da invasão

## Efeitos da guerra suja no Iraque

Por ocasião do 9.º aniversário da invasão do Iraque pela coligação liderada pelos EUA, o Tribunal-Iraque (Audiência Portuguesa) organiza, no próximo dia 17 de Março, uma sessão pública no Centro Arte e Recreio, em Guimarães – Capital Europeia da Cultura. Dois resistentes iraquianos, Mundher Adahmi e Haifa Zangana, apresentarão depoimentos sobre o assassinato de professores e cientistas iraquianos e sobre os efeitos do uso de armas proibidas pelos ocupantes. Eis alguns dados referentes aos crimes de guerra cometidos nos últimos nove anos que serão debatidos na sessão de Guimarães.

**O** número de iraquianos mortos desde 2003 ultrapassou um milhão.

O desaparecimento de civis aumentou de 375 mil em 2003 para um milhão em 2008 de acordo com a Cruz Vermelha Internacional. Raptos, tortura e assassinatos tornaram-se norma durante a ocupação. De mesmo modo que as tropas dos EUA, empresas de segurança privada a seu soldo gozam de imunidade no sistema legal iraquiano de acordo com a *Order 17* da Autoridade Provisória da Coligação. Sem qualquer respeito pela vida humana, soldados e seguranças, em acção conjunta, abrem fogo sobre homens, mulheres e crianças que considerem como ameaças.

Os iraquianos, pouco importa o género ou a idade, no dizer de um soldado norte-americano, “não são pessoas, sabe; é como se não fossem humanos”.

O Reino Unido só admitiu o uso de urânio empobrecido em Julho 2010. “As forças do Reino Unido utilizaram cerca de 1,9 toneladas de munições de urânio empobrecido na guerra do Iraque em 2003”, disse o secretário da Defesa Liam Fox na Câmara dos Comuns. Mais de 40 locais por todo o Iraque estão contaminados com altos níveis de radiação e dioxinas.

E, enquanto Fox referiu que o Ministério da Defesa facultou ao Programa Ambiental das Nações Unidas as coordenadas dos alvos atacados com armas de urânio empobrecido, os EUA continuam a recusar-se a declarar os tipos, locais e quantidade de armas utilizadas.

Estudos recentes confirmam os efeitos de longo prazo do urânio empobrecido e do fósforo branco que foram utilizados durante o bárbaro ataque dos EUA à cidade de Faluja, em 2004. Tal como confirmam o crescimento das taxas de cancro e de malformações congénitas nos últimos cinco anos em comunidades próximas das cidades de Najaf e Bassorá.

Para além do Iraque, este tipo de materiais foi utilizado pelos EUA pelo menos contra a Jugoslávia e recentemente contra a Líbia.

O uso de urânio empobrecido e outros materiais provocam permanente contaminação radioactiva e destruição ambiental que resultam num grande crescimento de cancros e malformações congénitas depois dos ataques. Estes efeitos irão aumentar ao longo do tempo e com resultados ainda



desconhecidos, em consequência da exposição crónica a que o território e as populações ficam sujeitos.

Para proibir o seu uso – tal como o de outras armas nucleares ou novas gerações de armas como o fósforo branco ou o napalm – é importante entender os motivos políticos e económicos que estão por detrás da sua utilização e mobilizar para o efeito uma opinião pública informada e disposta a tomar posição. É esse o propósito do Tribunal-Iraque.  
**Cristina Meneses**

## Protestos em toda a Espanha

Em 29 de Fevereiro, realizaram-se manifestações em mais de 20 cidades espanholas em apoio aos estudantes de Valência e em protesto pelos cortes nos orçamentos do ensino.

Dias antes, uma manifestação de estudantes em Valência foi brutalmente reprimida pela polícia. As cargas policiais e as declarações do chefe da polícia tratando os manifestantes como

“inimigos” indignaram os valencianos e todo o país.

Nos dias seguintes, milhares de valencianos desceram às ruas apoiando os estudantes e reclamando contra a austeridade imposta pelo governo. O

movimento propagou-se depois por toda a Espanha juntando as reivindicações contra a “asfixia económica da educação pública” com os protestos da população vitimada pela austeridade.

Em Barcelona, estudantes e pessoal da Universidade

Autónoma cortaram autoestradas caminhos de ferro. Uma greve a favor do ensino público na Catalunha foi apoiada por docentes, investigadores e pessoal administrativo. Em Valência e Madrid muitas faculdades foram encerradas.

As organizações sindicais juntaram às manifestações estudantis o protesto contra a reforma laboral, que facilita os despedimentos e a precariedade num país com mais de 20% de desempregados.

Um leitor do jornal espanhol Público destacava a união de estudantes e trabalhadores dizendo: “Hoje é um dia de mobilização de todos os sectores, já que o conjunto dos cidadãos sofre com esta miséria social que nos querem impor”.

**Manuel Raposo**

**DITO**

A história de toda a sociedade até hoje é a história das lutas de classes.

*Manifesto do Partido Comunista, 1848.*

*Karl Marx e Friedrich Engels*